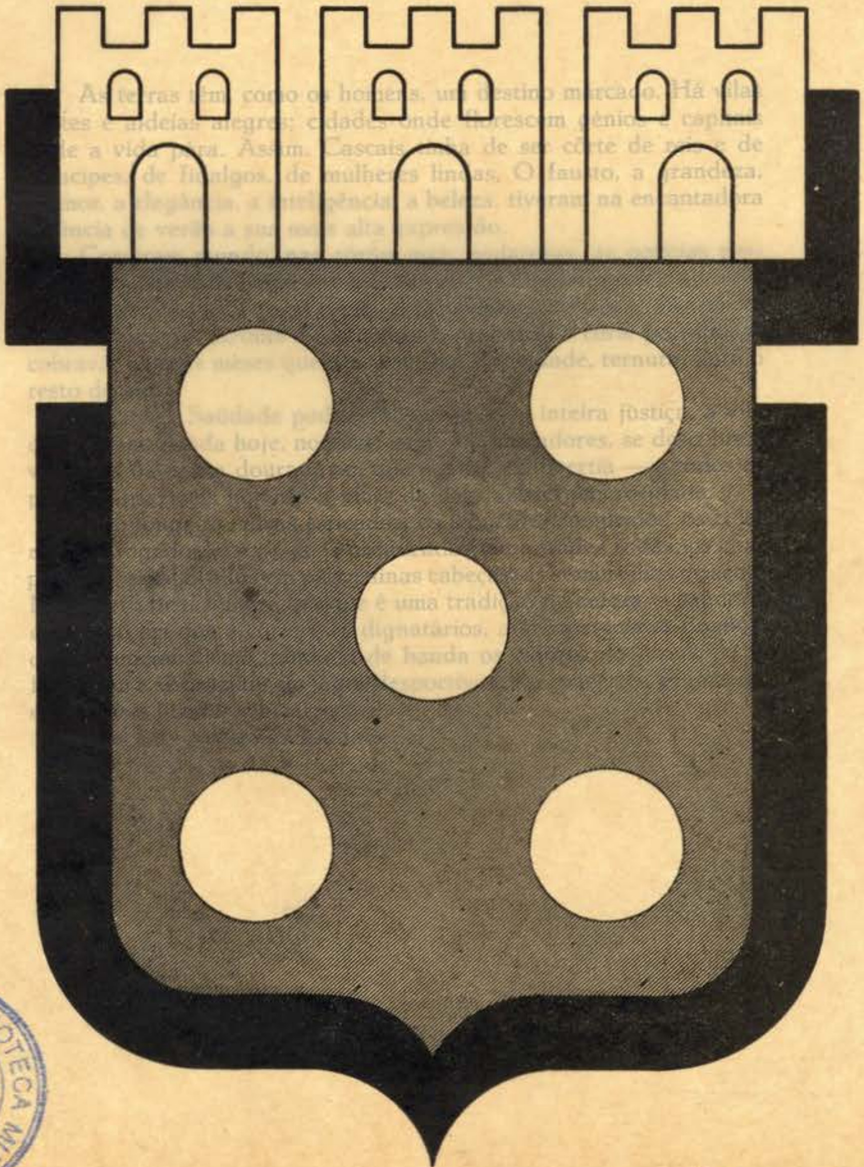
JOSHUA BENOLIEL

ARQUIVO GRAFICO DA VIDA PORTUGUESA

1903 1918

BIBLIOTECAS MUNICIPAIS DE LISBOA



BIBLIOTECA MUNICIPAL CENTRAL

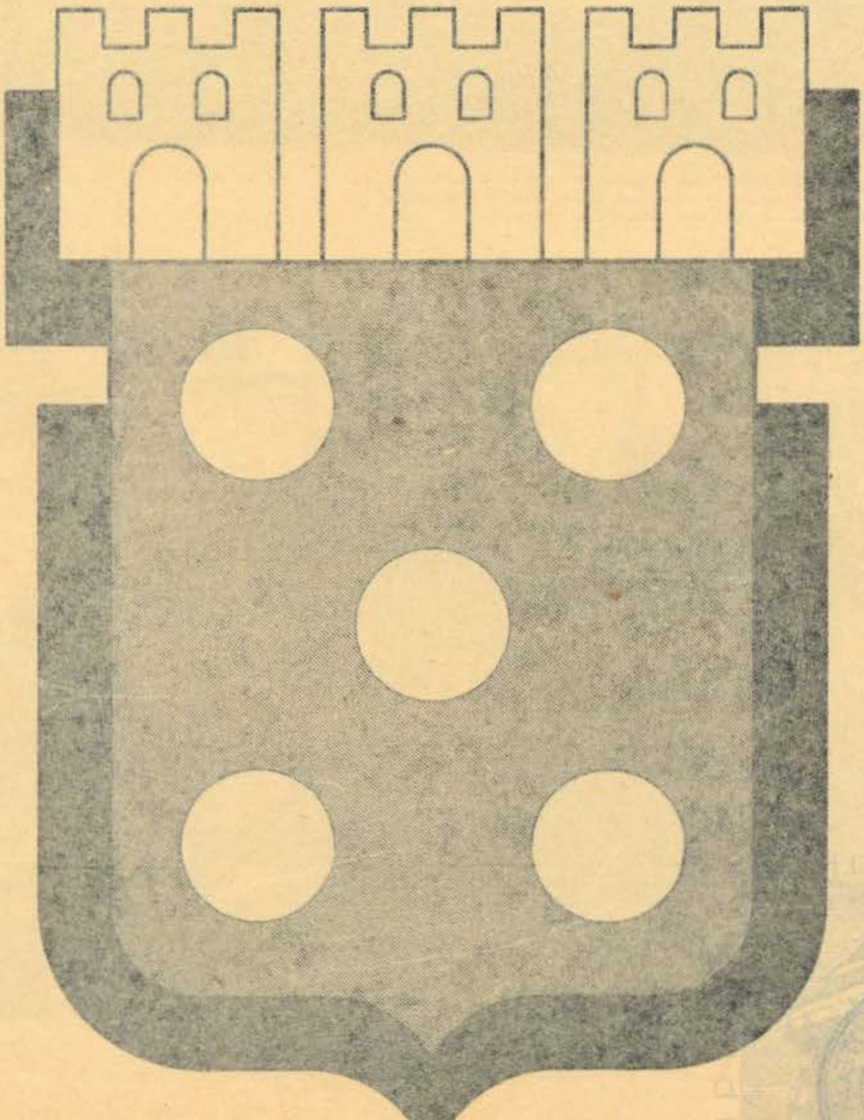
Fascículo N.º 4

JOSHUA BENOLIEL

ARQUIVO GRÁFICO

DA VIDA PORTUGUESA

1903 1918



Fascículo N.º 4

IV CAPITULO

CASCAIS
Côrte de Saüdade

As terras têm, como os homens, um destino marcado. Há vilas tristes e aldeias alegres; cidades onde florescem génios e capitais onde a vida pára. Assim, Cascais tinha de ser côrte de reis e de príncipes, de fidalgos, de mulheres lindas. O fausto, a grandeza, o amor, a elegância, a inteligência, a beleza, tiveram na encantadora estância de verão a sua mais alta expressão.

Correram mundo, nas côrtes mais poderosas, as notícias perturbadoras da vida elegante em Cascais. No enquadramento admirável do mar, tão azul como o céu, da suavidade do clima, das moradias nobres, dos jardins e das matas luxuriantes, a côrte portuguesa cobrava, em três meses quentes, energia, vivacidade, ternura, para o resto do ano.

Côrte da Saüdade podia chamar-se, com inteira justiça, à vila de Cascais. Ainda hoje, no olhar azul dos pescadores, se descobrem vestígios da época dourada em que a côrte se divertia — a todos os passos aprazíveis ligando a ideia de uma nobre generosidade.

Vão longe as calças esticadas, os jequetões compridos, os colarinhos afogadores; e as saias pregueadas, de grandes rodas, os chapéus mal equilibrados em pequeninas cabeças, as sombrinhas de sêda. Mas perto fica, sempre, porque é uma tradição de beleza, a saüdade do tempo em que a côrte e os dignatários, a aristocracia, a finança, o alto funcionalismo, punham de banda os rigores do protocolo, e folgavam e se praziam em jogos desportivos, em concêrtos de música, em arraiais luzidos e bizarros.

Cascais — côrte da saüdade...

A Praia

Quem há vinte para trinta anos conheceu a praia de Cascais, justificava, certamente, o dito célebre de «uma vez a Cascais e muitas mais».

Era ali, na aristocrática praia de Cascais, que os elegantes e as elegantes de então — a nobreza e a alta burguesia — tinham os seus encontros, se organizavam as partidas, as regatas, as «ginkanas», que depois chamavam à praia e à vila pessoas dos quatro cantos de Portugal e até do estrangeiro.

Ali, «onde o mar beijava constantemente as areias», na praia elegante por excelência, passearam as mais lindas mulheres de Portugal do seu tempo, e fidalgos de velhos pergaminhos bateram o fado — como êle era batido então por fidalgos e boémios.

E não admira que assim fôsse. Nesses dias fugitivos em que durava a época da praia, tão breves como um sonho raramente realizado, tudo se fazia na praia. Ela era casino, casa de chá e campo de desportos, e não poucas vezes centro de má língua. Tôdas as tardes, D. Carlos, por lá dava o seu passeio largo, segredando com êste e com aquele dos seus íntimos, tantas vezes falando de política e muitas outras inteirando-se das inofensivas intrigas da côrte, pelas quais era tão guloso...

Ir a Cascais, à praia, imprimia carácter e dava distinção. Não havia pessoa de sociedade ou que quisesse parecê-lo, homem ou mulher, que não fôsse veranear para Cascais e que, estando ali, não fôsse passar as tardes para a praia. Todos lá iam. Os que não iam para ver — iam para se mostrar...



À tarde, na praia, num grupo de elegantes conversa-se animadamente, discutindo aquelas preciosas futilidades que em todos os tempos e em tôdas as épocas sempre ocuparam o espírito das senhoras.



Um grupo gentil de senhoras da alta roda, que em 1907, veraneavam em Cascais, numa daquelas tardes luminosas de Setembro, frente ao oceano, passando uma tarde amena.



Arquivo Gráfico

Vida Elegante

(Cascais)

S. M. R. D. Carlos com algumas senhoras da aristocracia de então, na Parada, em dia de festa elegante.





O Rei D. Carlos subindo as escadas que conduzem à cidadela, depois de desembarcar do seu «hiate». O soberano, que sempre se mostrava um exímio cultor das belas artes, — como o demonstravam os concêrtos em que tomava parte e as magnificas aguarelas que nos legou, — não desdenhava os «sports», e quer na caça, ou fazendo «tennis», ou ainda navegando, êle era sempre o primeiro.



O «hiate» real «Maria Stella», onde o Rei D. Carlos praticava o seu desporto favorito, navegando ao largo de Cascais.

Na praia, Fernando de Serpa cumprimenta Madame Francisco Figueira.

Um grupo de elegantes da época, vendo as provas náuticas que se realizam ao largo.





As três gravuras desta página representam aspectos flagrantes do que era então — já lá vão algumas dezenas de anos — a vida elegante de Cascais durante o verão, em que as pessoas da sociedade se reüniam diàriamente na praia, e ali passavam as tardes.



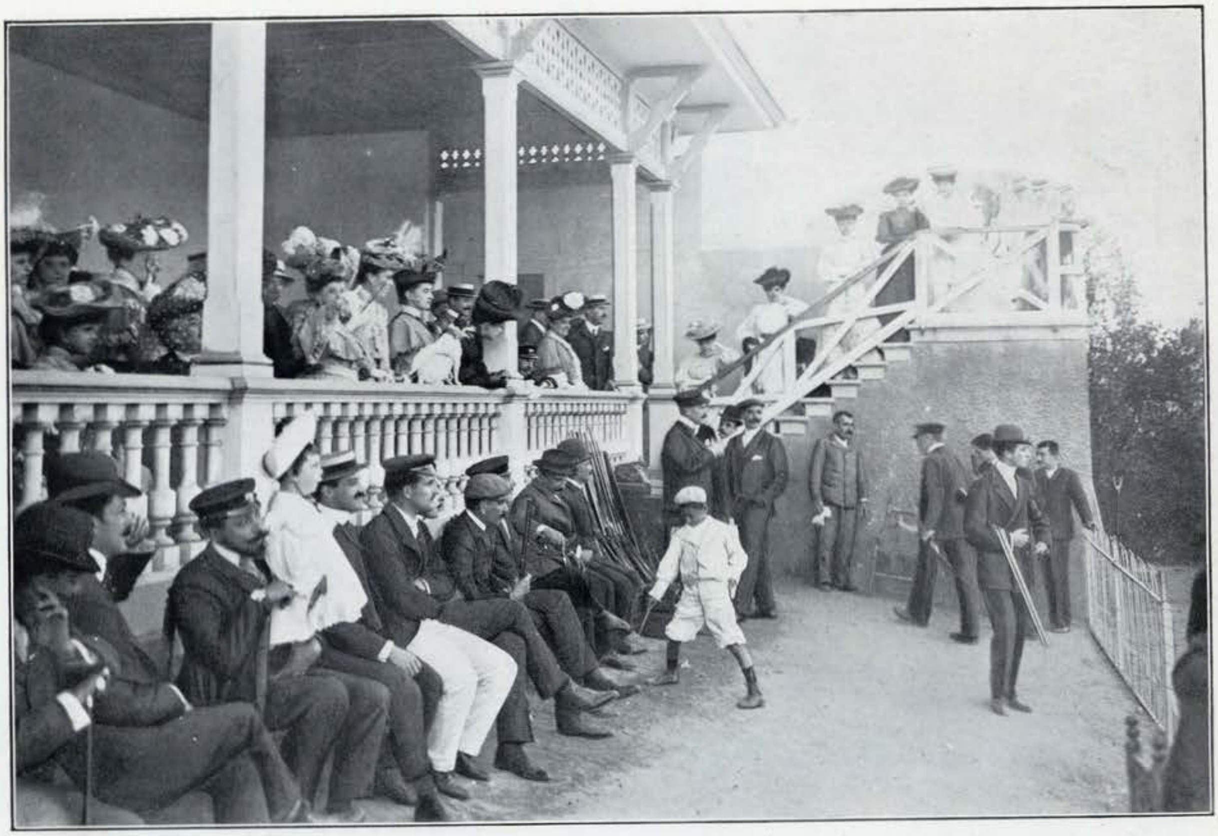


O Tiro aos Pombos e o "Tennis„

O desporto favorito da época, o desporto elegante, aquele que o Rei praticava mais amiüdadamente, e com maiores mostras de agrado, era então o tiro aos pombos. Êste facto bastou para que tôda a côrte o praticasse e achasse excelente, tornando-se assim o tiro aos pombos o desporto preferido pela côrte.

O Rei inscrevia-se e tomava parte nos torneios com verdadeiro interêsse, batendo-se por uma boa classificação, que sempre obtinha, tendo sido durante muitos anos o triunfador da «Taça Eduardo VII», e algumas vezes da «Taça Afonso XIII».

Estas óptimas classificações obtidas por D. Carlos, de modo algum representavam um favor ou gentileza para com o Rei. D. Carlos classificava-se em primeiro lugar porque, de facto, o merecia, o que de resto não admirava ninguém, pois todos sabiam que o soberano era um dos melhores atiradores do seu tempo.

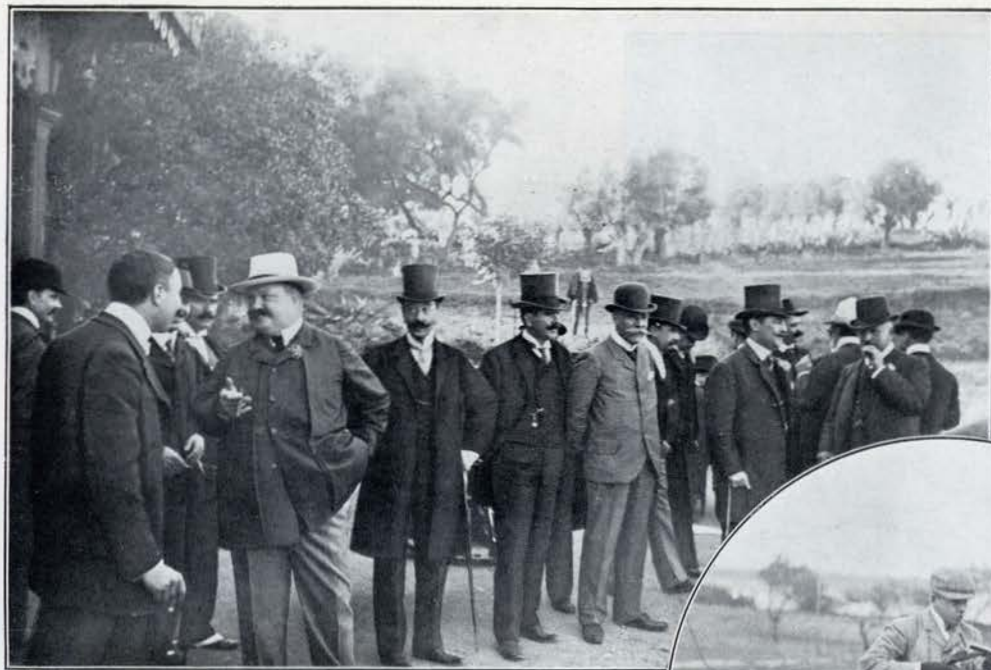


As partidas de Tiro aos Pombos, em Cascais, foram sempre animadas e concorridas. Era nesse tempo o desporto favorito das pessoas de sociedade, e à disputa das provas assistia sempre o que havia de mais elegante.





Dois aspectos da assistência à disputa da «Taça Eduardo VII», durante o torneio de 1907, em que D. Carlos saiu vencedor



D. Carlos e outras pessoas da côrte, seguindo interessadas as várias fases de um torneio de tiro aos pombos.

Nos redondos: O príncipe D. Luiz Filipe, Mário Duarte e Brandão de Melo, entusiastas das provas de tiro.

D. Carlos apontando a um pombo











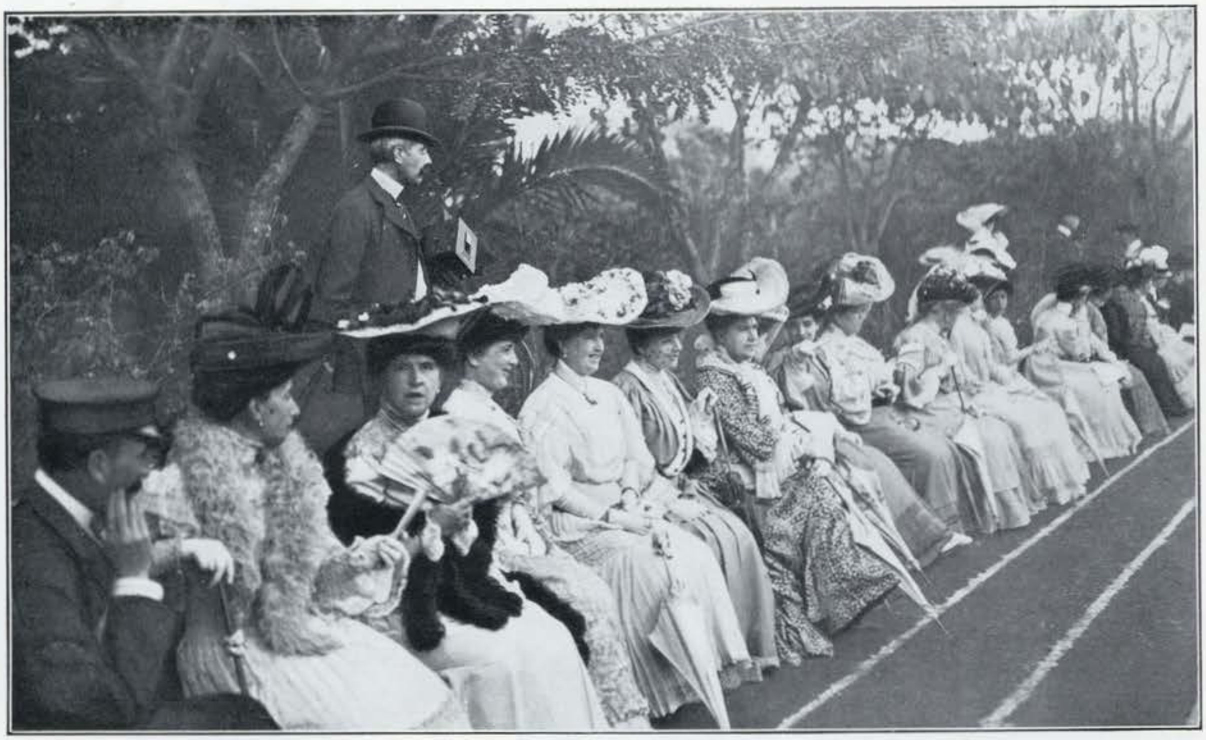




D. Carlos jogando o «tennis», desporto em que se mostrava um competidor de respeito.

Grupos de senhoras da primeira sociedade, surpreendidas no campo do Sporting.

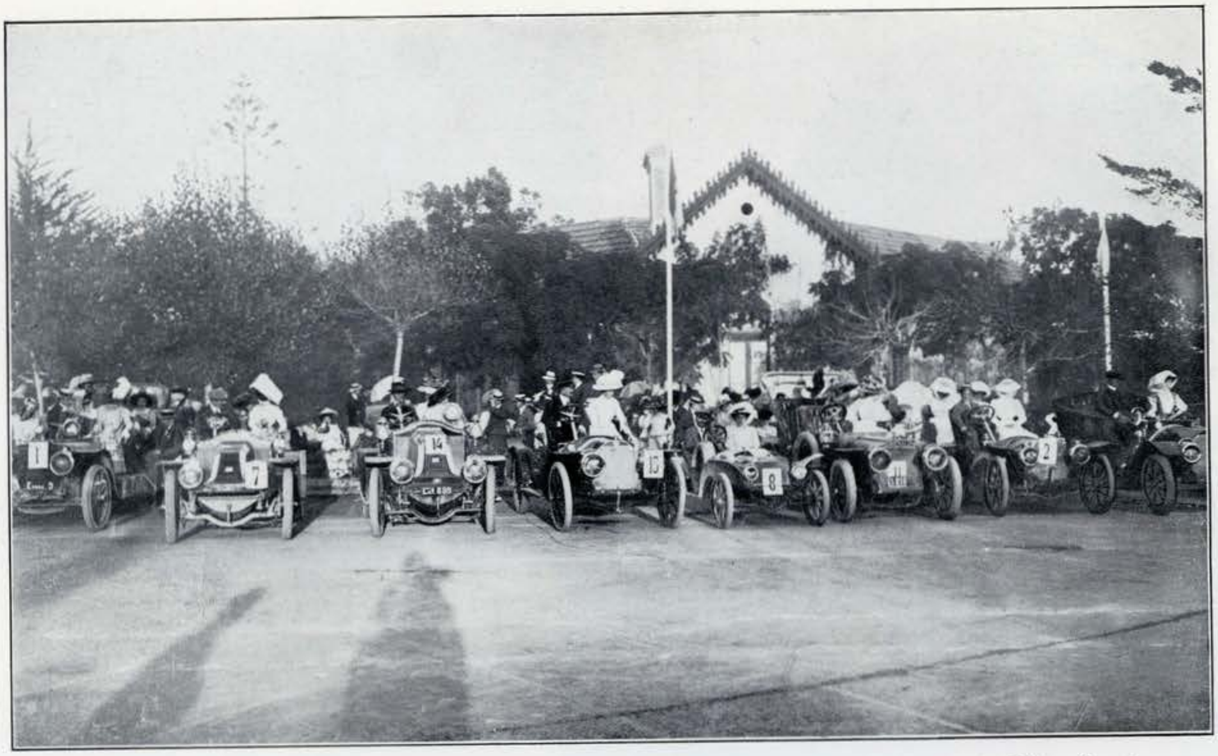
Um aspecto curioso da assistência às provas de «tennis» no campo do Sporting.



As "ginkanas" de automóveis, na parada de Cascais

As primeiras «ginkanas» de automóveis fizeram-se em Cascais, ao impulso dessa portuguesíssima figura do Infante D. Afonso e de outros nobres titulares. Então, os avós das «limousines» de luxo eram umas caranguejolas inestéticas, ruïdosas, envoltas em fumo, que exigiam fôrça muscular para o manejo das alavancas e do volante. De agradável, tinham os bancos altos, onde, a-par do «chauffeur» real ou fidalgo, ia a dama da nobreza como em trono precioso. Eram menos rápidos do que são hoje os movimentos dos pares inscritos e mais fáceis os precalços. O entusiasmo, a alegria, eram iguais aos de hoje, embora medidos por outras regras.

A parada de Cascais era, nessas tardes de «ginkana», um armorial. O que de mais nobre havia no reino, as mulheres mais formosas, os nomes mais ilustres nas letras, nas artes e nas ciências, ali se reúniam. E ao cabo da noite, do espectáculo alacre, movimentado, feliz, restavam dezenas de mil réis para os pobres...



Um aspecto dos concorrentes à «ginkana» de automóveis de 1907, em Cascais, — precussora das actuais corridas de automóveis



D. Carlos e o Infante D. Afonso organizadores entusiastas das provas automobilistas de então — as «ginkanas» de automóveis



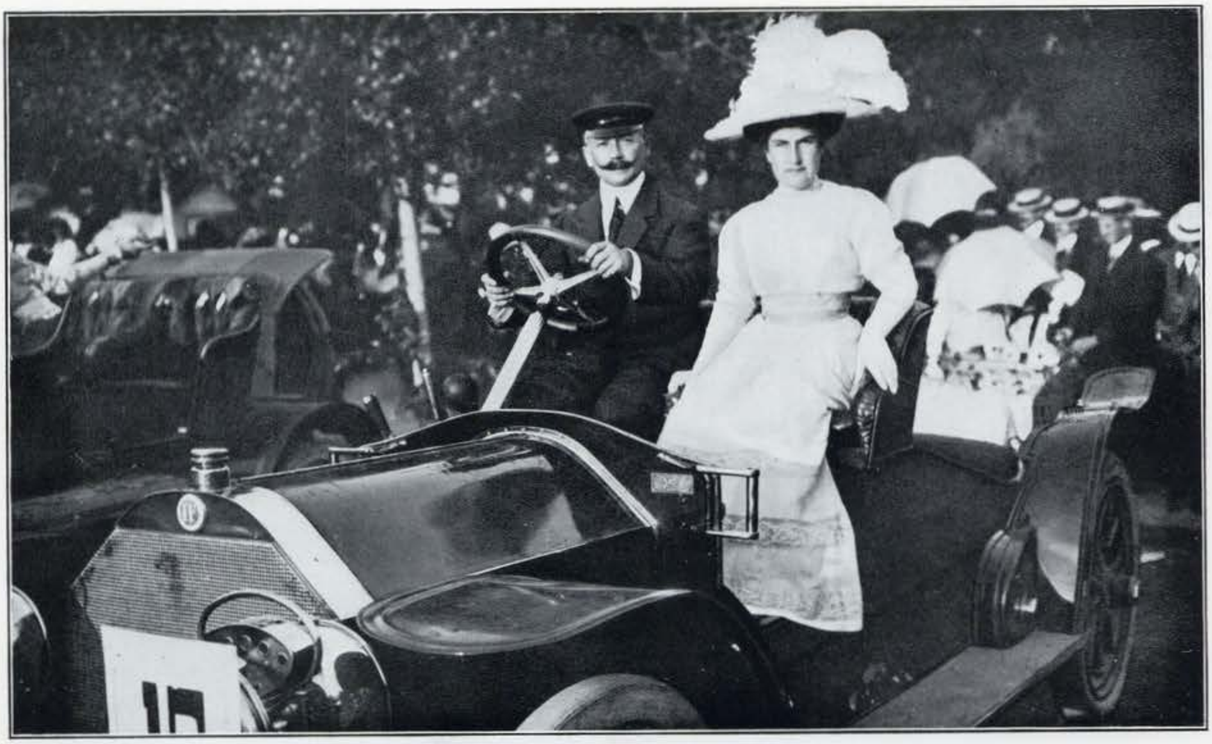
Henrique Anjos e a espôsa, no seu carro, — um dos primeiros que veio para o nosso país



D. António Herédia, outro entusiasta dos desportos, no carro n.º 13 das provas automobilísticas de Cascais no ano de 1907



George Bleck — um desportista duma geração de desportistas, — guiando o seu automóvel.



Outro aspecto da «ginkana»: Guilherme Bleck guiando o carro em que tomou parte nas provas.

V CAPITULO

Reinado de D. Carlos é a base onde assenta o moderno exército português

Os dezanove anos do reinado de D. Carlos I podem, sem que se incorra naquela falta de sentimento das proporções, tão vulgar entre nós, considerar-se afoitamente como um período de notável rejuvenescimento do nosso Exército.

Mais até: o início e a base, bem cimentada e válida do seu ressurgimento, de modo a pô-lo, muito em especial pela cultura técnica dos seus quadros de oficiais e de sargentos, sensivelmente à altura do que fôram até 1914 as instituïções militares contemporâneas nos outros países.

O largo período de octaviana paz, que tinha sido o reinado de D. Luiz, havia levado a nossa tropa a uma situação de marasmo, e de apagamento de que, só talvez a Reorganização de 1885, de Fontes Pereira de Melo, com as correlativas aquisições de material moderno para a infantaria e para a artelharia, o haviam começado a arrancar.

Dormitava-se bastante nos Estados Maiores e na fileira, em matéria de instrução e de preparação guerreira, — esta era a verdade — e os regimentos e batalhões quási se achavam reduzidos ao papel de alinharem os efectivos nas ruas, em guardas de honra, ou de marchar *em grave* atrás de Procissões...

O resto do tempo — e então o soldado ainda passava na fileira 7 e depois, 5 e, por fim 3 anos — estava absorvido pelo estopante e estiolador serviço de guarnição, com as soturnas guardas à *Principal*, do Terreiro do Paço, aos Paços Reais e até às Cadeias Civis — e por uma tremenda e meticulosa *papelada* de escrituração de secretaria e de conselho administrativo, que a Fazenda Nacional impunha para, até ao último real, zelar os seus interêsses.

Era o tempo em que tôda a preocupação do Comando estava na *brilhantura:* metais amarelos como oiro, ou brancos como prata, correâme encerado a luzir como polimento, ou caiado de branco, a cegar a vista, calças brancas repuxadas a goma-crúa, e a limpeza do armamento levada a detalhes inverosímeis e até prejudiciais para a sua conservação e utilização, como instrumentos de guerra...

Não se julgue, todavia, que não houvesse quem pretendesse sair da rotina. Para não citar mais, o Coronel António José da Cunha Salgado, de cavalaria, oficial distintíssimo, disciplinador, e ilustrado, escritor elegante e conhecedor do que se praticava lá fora, no estrangeiro, por lá ter ido várias vezes, em missão.

E como êle muitos outros, em particular das camadas novas. Mas Cunha Salgado fôra um incompreendido e um guerreado pela massa geral e rotineira, que não queria passar do ramerrão e dispensava inovações.

Os longos períodos de paz... Só conhecemos, é bom dizer, êste Exército por tradição e a geração anterior à nossa, que anda agora pelas alturas do generalato, tampouco o conheceu, por via de regra, também...

*

* *

Mas, a partir de 1889 começaram as coisas a mudar de aspecto.

O Rei, novo, com 26 anos, ao subir ao trono, entusiasta por tudo quanto fôsse militar, inteligentíssimo e com uma ilustração muito acima do vulgar, resolvera meter ombros à grande obra de renovação e de arejamento, indispensável para se poder ir para diante.

Tinha conhecido bem a *fileira* em Príncipe, pois quisera ser, de *verdad*, comandante dum esquadrão de lanceiros, e fizera, como qualquer outro e durante muito tempo, o *serviço efectivo* na unidade a que pertencia, como, depois, na *Escola de Torpedos* se dedicou com o maior interêsse a êsse ramo de serviço do Exército.

Estava, pois, de há muito, em contacto com o Exército, e ao par das suas necessidades e do que se torna preciso fazer, e contava com verdadeiras amisades, que o seguiram até à morte, entre os seus camaradas.

E, passadas as primeiras e graves dificuldades do *Ultimatum* e do *31 de Janeiro*, encontrou logo a secundá-lo um núcleo de oficiais como colaboradores inteligentes e cheios de actividade.

Não havia, até então, *limites de idade* e, por conseqüência, verdadeiras relíquias, embora venerandas mas mumificadas, continuavam no *activo* até que Deus Nosso Senhor aprouvesse fazer-lhes soar aos ouvidos o *Toque de recolher*.

E veio a lei dos *limites de idade*, para fazer entrar tôdas essas inutilidades na bem merecida inactividade da reforma. Muito guerreada a lei, é claro, mas salutar e indispensável!

Não havia, até essa época, provas de aptidão para a ascensão aos postos superiores e ao generalato, ou, se as havia, eram dum rudimentarismo de *taboleiro*, que chegava ao pueril...

Pois criaram-se os exames para major e para general, depois sucessivamente aperfeiçoados e *apertados* nas provas pelos diversos diplomas publicados, até se chegar ao que são na actualidade.

Vieram com o andar do tempo e o correr dos anos, os estágios obrigatórios de tirocínio de tenentes, de capitãis, de oficiais superiores nas Escolas Práticas das Armas, de modo a suprir as deficiências originadas nos efectivos esqueléticos que os magros orçamentos do Ministério da Guerra permitiam.

E, a par disto, os *exercícios de quadros*, começados logo em 1893, por iniciativa de Pimentel Pinto e anualmente repetidos pelo País fora, nas cêrcas das diversas divisões e serviços do Exército.

Pouco a pouco, duma forma gradual e paralelamente (dentro das nossas possibilidades) com o que se fazia nos principais exércitos estrangeiros, se foi procurando familiarizar o corpo de oficiais com a resolução dos problemas de especialidade, sôbre a carta e no terreno, estabelecendo a ligação de conjunto entre as diferentes armas. Até se chegar ao que hoje se pratica, e ao que, ainda no reinado de D. Carlos, se alcançou com a viagem do Estado Maior, sendo ministro da Guerra Vasconcelos Pôrto, para estudo da célebre posição das Talhadas, em Sabreira Formosa, e onde, sob a superior direcção do General Sebastião Telles, competência de todos reconhecida, operaram os quadros superiores e Quartéis Generais dêsse grupo de divisões, se não estamos em êrro.

A Escola do Exército era, no comêço do reinado apenas uma Escola, como qualquer outra superior, *com externato*, onde se aprendiam ciências militares.

Faltava-lhe o *internato* para inoculação e apuramento da disciplina e do espírito militar; faltava-lhe o *uniforme único*, em vez de um uniforme para cada corpo, a que o aluno pertencesse, como era até então.

Pois, com Pimentel Pinto, remodelou-se a organização da Escola, criou-se o *Corpo de Alunos* e o *internato* e, sem dúvida que a preparação e educação militares dos candidatos a oficial melhoraram consideràvelmente, sob todos os aspectos, tranformando-os nos *Cadetes de Bemposta*, do nosso tempo, como o público os designava e não se cansou de aplaudir, quando um dos 2.os Comandantes da Escola, que foi um oficial de artelharia de grande nome — Jaime de Castro — entendeu, e bem, começar a trazê-los à rua, para os incorporar nas formaturas gerais da Divisão em ocasiões solenes. Quem, dêsse tempo, não se recorda, da forma impecável, como a Escola do Exército marchou, por exemplo, pela Baixa fora, direita ao Terreiro do Paço, para ir fazer a guarda de honra à Rainha Alexandra de Inglaterra quando aqui esteve?

À frente, com a banda do 11 de infantaria em testa de coluna, e comandando a companhia, Rêgo Chaves, que é hoje coronel de Engenharia e já foi ministro e governador geral de Angola.

E, depois, num tinir formidável de esporas — com rosetas de cobre, para fazer mais barulho... — o desfile cheio de «crànerie» de 200 e tantos alunos por secções, alinhadas como se fôssem traçadas à régua, as espadas perfiladas, a bandoleira branca cruzando o dolmen curto, de guarnições vermelhas, as 4 largas divisas de 1.° sargento, berrantes e cruzadas, em diagonal, pelo gabão de ouro *de cadete*, a bota alta de salto de prateleira, bem esticada até ao joelho sôbre um calção de malha repuxado e justo à côxa, a rebentar!...

Era assim o *chic* dêsse tempo.

Quantos namoros, quantas *conquistas* se forjaram nêsse dia!

Já lá vão tantos anos!

Os *Cadetes-Don Juans* dessa época, nos tempos que vão correndo, de há muito que *peinan las canas*, aí de major para cima e *elas*, as *vampes* de então, de chapelinho de pandeireta, trazido à cabeça e *jupe cloche* não devem andar muito longe dos *40 e muitos*, como costumava dizer o almirante Policarpo de Azevedo...

Mas adiante...

Como se verificasse que o ensino na Escola do Exército tinha de ser essencialmente teórico faltando *ao aspirante a oficial* (pôsto intermédio também criado no reinado de D. Carlos) o *saber de experiências feito*, do contacto com o soldado e com os detalhes do serviço de fileira, fôram remodeladas e aperfeiçoadas as Escolas Práticas das Armas com tal objectivo, e, no fim do curso para se pôr o 1.° galão de hierarquia de oficial, tinha o candidato de ir completar a sua aprendizagem, num período intensivo de 8 meses, ou em Mafra, ou em Tôrres Novas, ou em Tancos ou Vendas Novas.

Os tempos de verão, nessas Escolas Práticas eram além disso, também, períodos de grande concorrência de oficiais de tôdas as armas e o Rei nunca faltava aos seus trabalhos finais.

Por sua banda, a Escola Central de Sargentos, de Mafra, (outra criação do reinado de D. Carlos) ministrava uma sólida instrução à classe, que vinha da fileira e ia formando óptimos e ilustrados oficiais. Foi a digna precursora da actual Escola de Águeda, que nos dizem modelar.

*
* *

Progrediu-se, pois, palpàvelmente, de ano para ano, em todo o sentido e em todos os ramos de vida militar — é indiscutível.

Evolucionava-se e manobrava-se, talvez duma forma que o *Post-Guerra* faça parecer hoje infantil, mas que era, no fim de contas, como indicavam os Regulamentos de então e, *se manobrava* lá fora, antes de 1914.

De resto, com a criação em todos os regimentos e serviços das Bibliotecas Militares, devida em 1892 à iniciativa do Ministro da Guerra João Crisóstomo de Abreu e Sousa, onde as melhores e mais consagradas obras da especialidade se passaram a encontrar, para estudo do nosso Corpo de oficiais, e ainda com as repetidas visitas ao estrangeiro de missões militares nossas, com o fim de estudar o funcionamento das suas escolas, percorrer aquartelamentos e assistir a manobras, o nosso Exército estava por completo a par dos progressos contemporâneos.

Criou-se e desenvolveu-se uma verdadeira literatura militar, pela publicação regular de revistas da especialidade para tôdas as armas, e onde colaboravam não poucos oficiais, alguns com notável brilho e competência, como Sebastião Teles, João Martins de Carvalho, Morais Sarmento, Garcia Rosado, Sinel de Cordes, Aires de Ornelas, Vitoriano César, Taveira, Matias Nunes, Teixeira Botelho, Mendonça e Matos, Eduado Pellen, Alberto Silveira, Nunes Gonçalves, Duval Teles, Carlos Bocage, Craveiro Lopes de Oliveira, Domingos Correia, Honorato de Mendonça, Xavier Machado, Baracho, Bento da França, Fernando Maia, Fragoso Carmona, Sá Chaves, Adriano Beça, Rodrigues da Silva, Pacheco Simões, Soarsfield, David Rodrigues, Guedes Vaz e tantos outros.

Dois oficiais portugueses, um de artelharia, Nunes Gonçalves, e outro de infantaria, Alberto Vergueiro, introduziram notáveis e eficazes modificações nas culatras do material de campanha adoptado para nosso rearmamento: no canhão de 7^{cm},5 Canet, e na espingarda Mauser, modêlo 1904, ainda hoje em serviço.

Na cavalaria, Damasceno Rosado, Alfredo de Albuquerque, Domingos de Oliveira, Rocha e Sá, Ilharco, e Leopoldo Soares, em especial, dedicaram-se com afinco ao estudo das raças cavalares e aperfeiçoamento do nosso serviço de remonta, com exposições de gado na Tapada da Ajuda, marchas de resistência através do País, concursos hípicos, etc.

Uma numerosa pleiade de cavaleiros de concurso — Álvaro de Mendonça, António Calheiros, Martins de Lima, André Reis, Manuel Latino, Marquês de Bucelas, Joaquim Beltrão, Carlos Veloso, Jara de Carvalho, Casal Ribeiro, Calado, Lusiquem de Azevedo, Silveira Ramos, Solano de Almeida, Delfim Maia, etc. — em montadas de qualidade inferior, conseguiam notabilizar-se e ganhar prémios nos concursos de Espanha, de França e de Itália e, mais tarde, reproduzir, correctas e aumentadas, não poucas vezes, na Escola de Tôrres Novas, as proêsas eqüestres dos seus camaradas italianos de *Torre di Quinto* e de *Pinerolo*.

A própria instrução individual do soldado, nas unidades das diversas armas, foi progressivamente, sendo mais cuidada, de modo a poderem obter-se, principalmente se se atender ao tempo de serviço cada vez mais reduzido na fileira, verdadeiros prodígios, como êsses que fôram com soldados mal saídos de recruta, as evoluções no Hipodromo, em presença do Kaiser e, depois do Rei de Saxe.

Entendeu-se, por esta ocasião, e bem, *não armar em espectáculo para alemão ver*, mas simplesmente, e com pequenas unidades, mostrar-lhes, como se ministrava a instrução prática preparatória em Portugal.

A rapidez nas deslocações e na *volta em combate* para tomar posição, do Grupo a Cavalo, de José Lôbo de Vasconcelos, uma das vezes e, na outra, da bataria do 1, do Capitão Chagas Parreira, a esplêndida *dressage* do esquadrão de cavalaria e a precisão de movimentos da companhia de infantaria, fôram seguidos, creiam, com a maior das atenções pelos soberanos alemãis e pelas suas *suites* militares, que, entusiasmados, até bateram palmas, quando o grupo a cavalo numa frente de duas batarias, e subindo todo o Hipodromo a galope, veio galgar num arranco soberbo o barranco, que lhe fica no alto, *meteu em posição*, atirou uma *rajada* de não sei quantos tiros, e engatando novamente, desceu numa velocidade vertiginosa outra vez o obstáculo para executar uma larga conversão, que enchia todo o campo.

Não fazemos frases, nem exageramos, porque foi assim mesmo...

Contou-nos um dia um dos ajudantes de campo de D. Carlos, que um dos oficiais alemãis, nêsse momento, se voltou para êle, e como profissional, que era, *batido na fileira*, inquirira, apontando para os nossos soldados:

— Quanto tempo de praça?

— Quanto muito, 6 meses...

O alemão esboçou um sorriso, incrédulo, num ligeiro cumprimento.

Não acreditava — e todavia era a pura verdade...

Progrediu-se, pois, e muito.

E de tal modo se aperfeiçoou o nosso corpo de oficiais que, ao entrarmos em beligerância na Grande Guerra, não foi certamente a sua competência técnica — e a maioria fôra educada no reinado de D. Carlos — que faltou.

Ninguém iguala a fama e consideração de que gozaram, por exemplo, entre os nossos aliados ingleses, os oficiais da artelharia portuguesa.

Um nome basta citar: Bernardo de Faria, que fôra o dilecto ajudante de campo de Vasconcelos Pôrto.

Pois tôda esta impulsão se deveu ao eco que encontrara na alma do Rei quanto dissese respeito ao Exército e sem dúvida também à acção patriótica e inteligente dos seus colaboradores.

Dêles, três a destacar, que fôram Ministros da Guerra: Pimentel Pinto, homem com os defeitos que lhe provinham da sua filiação partidária, mas com grandes qualidades e iniciativas de Chefe; Sebastião Teles, uma verdadeira e notável competência militar e um grande nome do nosso Estado Maior; Vasconcelos Pôrto, sem dúvida o maior dos que passaram pelo Ministério da Guerra, durante a Monarquia Constitucional, pelas suas qualidades de trabalho, pela sua clara visão das realidades das coisas, pelo seu método e espírito e seqüência e também pela gente de que se soube cercar.

A êle se ficou devendo o início da aquisição das viaturas para mobilização das divisões do Exército, segundo os mais aperfeiçoados modêlos de então.

A 4.ª divisão, de Évora, e que se estendia, pelo Alentejo até ao Algarve, foi mesmo completamente mobilizada, devendo continuar essa dotação sucessivamente, pelas restantes, de modo que tôdas as unidades, num futuro mais ou menos próximo, ficassem munidas do material preciso para entrar em campanha.

* * *

Mas, como aliás sucedia a todos os Exércitos do *Avant-Guerre*, ao nosso faltou até certa altura o prestígio guerreiro...

As Campanhas Coloniais lho vieram dar!

A actual geração não pode compreender o alto renome, interno e externo, que *de um salto*, o Exército Português adquiriu, após a Campanha de 1895,

com as vitórias de Marraquene, de Coolela, de Maque e de Munjacase, e com a audácia inteligente do feito imorredoiro de Chaimite!

E tudo se tinha feito, com 3 exíguos batalhões de infantaria, uma ou duas batarias de montanha e o esquadrão de Mousinho!

Cinqüenta praças haviam bastado para terminar com um remate épico a campanha gloriosa em que destruíramos o poderio dos «Vátuas», e ainda o maior império indígena e guerreiro da África do Sul!

O País sentiu então, nas aclamações com que, de Norte a Sul, recebeu Galhardo e Mousinho, e na forma como se passou a interessar, pelo que lhe vinha de África, com renome europeu, — o alto serviço que o Exército e a Armada lhe tinham prestado — *salvando Moçambique!*

E não se ficou por aqui, nas operações de domínio e pacificação dos nossos territórios ultramarinos: foi, depois, Mousinho, nos Namarrais; João de Azevedo Coutinho, no Barué e na Zambézia; o Infante D. Afonso e Garcia Rosado, dominando a revolta dos rames e maharathas da Índia; a célebre marcha de Sousa Machado, aos territórios de Mataka, e que foi das mais árduas operações congéneres, que se têm efectuado em África; Celestino da Silva dominando e pacificando Timor; Veríssimo Sarmento, depois seguido na sua obra da ocupação efectiva da Lunda, por Azevedo Lôbo e Almeida Teixeira; a campanha do Bailundo, com Massano de Amorim, e a dos Dembos, com João de Almeida; a da Guiné com Jorge Camacho e Musanty, e, finalmente, a do Cuamato, para vingar o desastre de 1905, junto ao Cunéne e ocupar o território para sul do rio.

Como corolário de tôda essa actividade guerreira e civilizadora, vinha a Lei de 1901, abrindo uma grande porta ao Exército da metrópole, para o serviço nas Colónias, tornando-o até certo ponto obrigatório — um verdadeiro *roulement* onde se tem vindo formando sucessivas camadas e gerações de coloniais, distintíssimos e carregados de serviços à Pátria.

Desde o primeiro escalão, com António Ennes, Mousinho, Freire de Andrade, Paiva Couceiro, João Coutinho, Aires de Ornelas, Gomes da Costa, João Gaivão, Eduardo Costa — grandes governadores, grandes soldados, grandes marinheiros e grandes portugueses! — quanto não têm feito essa gente, que lhe tem seguido na esteira, em sucessivas gerações, pela grandeza de Portugal!

Mas o *ponto inicial* do Ressurgimento Colonial — escusam de o buscar: está no Reinado de D. Carlos!

*

* *

Pois, é curioso observar, que num reinado, *tão militar*, poucas fôram, afinal, as paradas gerais, de Grande Gala, e de pura ostentação que nêle se realizaram...

Apenas, em 1889, a da aclamação do Soberano, desfilando as tropas pela Rua do Ouro, Rossio, e Avenida, com o Rei à frente — e esta do Hipodromo de Pedrouços, dezóito anos passados, em 1907, para Missa Campal, seguida de Juramento de Bandeiras, dos recrutas dêsse contingente e desfile em continência de tôda a guarnição da capital e campo entrincheirado.

Pela primeira vez, no mesmo dia e à mesma hora, em tôdas as localidades do País, onde havia guarnição militar, as tropas se concentraram para se cumprir, com igual solenidade, êsse Preceito Regulamentar, fundamental na vida do Soldado.

Só estas duas paradas gerais em 19 anos, se não estamos em êrro...

Formaturas gerais, ou por contingentes representando as respectivas uni-

dades, essas, sim, houve-as de sobejo, para chegadas de Chefes de Estado estrangeiros, aberturas do Parlamento em 2 de Janeiro de cada ano, funerais de grandes personagens civis e militares, etc.

Mas paradas espectaculosas de grande uniforme, como tinha sido, noutros tempos a do *24 de Julho*, consideravam-se a nosso ver, sem razão, como *tendo passado de moda*...

Para ver desfiles, mais ou menos numerosos, de tropas, (se exceptuarmos as formaturas anuais, de primavera, das brigadas de Lisboa para provas de instrução no Hipodromo de Pedrouços) tinha-se de ir assistir fora da cidade, no campo, aos exercícios das unidades que concorriam, com reservistas incorporados ou sem êles, e, em geral, no efectivo duma divisão, às *manobras do Outono*, como fôram as da Beira, em 1894 e 95, as de Trajonce e do planalto do Catão, perto de Sintra e as do Norte em 1902 e 1903 e, no ano seguinte, as do Bussaco, em que tomou parte a 5.ª divisão.

É claro que aí não havia a esperar o decorativo, o reluzente e o vistoso duma grande parada de *Cidade*, mas, simplesmente, a *ordem de marcha*, às vezes aligeirada com o jaleco de brim, em vez da jaqueta de pano, e que, com a cobertura *fôlha morta* dos capacetes e barretinas ou *képis*, era então o *uniforme de campanha:* o calçado e o correame empoeirado ou barrado de lama, a uniforme terroso, do arrastar nos bivaques e nos deslocamentos exigidos pelo desenvolvoimento táctico dos temas.

Nada de decorativo, como se vê, nêsses desfiles finais de manobras, a que D. Carlos e a Rainha nunca faltavam, fizesse sol ardente, ventasse ou chovesse.

As fotografias que seguem e, onde D. Carlos nos surge, *em flagrante*, como nós o víamos diàriamente, modesto e simples no seu dolman de flanela, bem o demonstram.

*

* *

Pois esta Parada do Hipodromo de Pedrouços, de 20 de Janeiro de 1907, foi, sem dúvida, sumamente brilhante.

Ali se concentraram uns 8 a 9.000 homens: as duas brigadas de infantaria, que então se aquartelavam na capital, com Caçadores 2, infantaria 1 e 2, na 1.ª ou «Sector 2», e Caçadores5 e infantaria 5 e 16, na 2.ª; a brigada de cavalaria, com lanceiros e Cavalaria 4, artelharia 1, Grupo a Cavalo, Corpo de Marinheiros, unidades de Engenharia e artelharia de guarnição do Campo Entrincheirado, Serviços de Administração Militar e Saúde, etc.

Trage de Grande Gala, é evidente.

Não era já (diziam-no os antigos de tropa de então) aquele aspecto variado e multicolor dos uniformes, que duravam até 1885, em que cada corpo tinha a sua côr distintiva nas golas, nos penachos e nos canhões das fardas, e os Caçadores, êsse tom sombrio, côr de pinhão, com guarnições verdes e rugras, que os tornaram conhecidos pela Europa fora — mas, ainda assim, para o gôsto da época (e nisto de uniformes também há modas e figurinos importados...) o atavio da nossa tropa, em grande uniforme, era elegante e sóbrio.

Sôbre o tom azul do uniforme, com uma gradação mais clara no *tricot* do calção, as guarnições vermelhas de infantaria e negras ou azuladas dos Caçadores; as largas *crinières* vermelhas dos capacetes de artelharia, negros nos de engenharia e brancos na cavalaria e lanceiros, produziam um magnífico efeito de conjunto, onde, aqui e além esvoaçavam os *plumets* azuis e brancos dos generais.

A artelharia com o seu material Canet de 7^{cm},5; a infantaria armada com

a Mauser-Vergueiro e os Caçadores apresentando, pela primeira vez, as suas companhias de metralhadoras Vickers-Maxim.

Com o Estandarte de Lanceiros o Príncipe Real, D. Luiz Filipe, alto, loiro e esbelto, com a habitual gravidade, que sempre se lhe notava no rosto sério. Com a Bandeira da Escola Naval, e ainda numa descuidosa adolescência, o então Infante D. Manuel, que pouco mais dum ano passado ascenderia ao Trono...

E foi a esta tropa que D. Carlos, depois de assumir o comando superior das fôrças em parada, passou revista, precedido pelos quatro ajudantes de campo, em batedores, e seguido de Vasconcelos Pôrto, então Ministro da Guerra e do General Craveiro Lopes, comandante da 1.ª divisão e pai do que é hoje Governador Geral da Índia.

Era o D. Carlos das grandes ocasiões!

Solene, militar desde as pontas das botas ao bico do capacete, a larga envergadura do tronco cruzada pela banda azul da Tôrre e Espada, erecto e cheio de majestade sôbre o cavalo negro, que avançava a passo, rente à frente de Marcha de continência e as bandas enchiam o ar com os acordes do Hino bandeiras das colunas cerradas de infantaria, enquanto os clarins entoavam a Nacional e Real de então, e a artelharia salvava!

E a cada espada abatida, que o saüdava, a cada pelotão, esquadrão ou bataria, que atingia no seu avanço vagaroso e que apresentava armas ou levantava as lanças ou espadas em continência — D. Carlos correspondia num largo e brusco abater da sua espada de Generalíssimo, — a lâmina a cintilar ao sol, vinda do alto, desde que a trazia da altura dos lábios, até apontar ao solo, para a voltar, com rapidez, a perfilar como oficial, que era e que a sabia manejar sem hesitações.

Era bem o REI!

A quarenta, a cinqüenta, a cem mil homens, que fôssem os que ali estivessem em formatura, em vez dos escassos 10.000, que eram, ninguém — nem mesmo o Kaizer! — os passaria em revista, com tanta e tão adequada imponência e consciência da sua suprema hierarquia militar!

...Aquela fibra, aquele desvanecimento *de ser tropa*, que fazia com que raro envergasse outro traje, que não fôsse o militar e, que o faziam proferir — e num tom de voz inesquecível, de vibrante e emocionado que foi! — aquelas admiráveis palavras, da Sala do Risco do Arsenal de Marinha, por ocasião da recepção triunfal que foi tributada, em Lisboa, aos que vinham com Roçadas, com Eduardo Marques, Sepúlveda, Francelino, Martins de Lima e Montez, cobertos de glória, da Campanha do Cuamato, quando lhes distribuiu as medalhas da Rainha D. Amélia das Campanhas de África.

Era em Dezembro de 1907 e D. Carlos, evocando a si a representação da *Grande Família Militar, de que se orgulhava de ser o Chefe*, dizia-lhes:

«Que o vosso exemplo sirva de ensinamento!

«Unâmo-nos todos, para engrandecer ainda mais e manter o nome de Portugal, que há-de ser sempre grande, enquanto tiver soldados, como vós, para o defender!».

....

....

Um mês depois: o Regicídio...

Lisboa, Novembro de 1934.

SATÚRIO PIRES

Visita Real à Escola Militar

Constituía sempre um acontecimento a visita anual de El-Rei à Escola Militar — visita que, quando se realizou em 1907, no dia 30 de Outubro, impressionou bastante pelo brilhantismo, maior que o dos anos anteriores, e pelas afirmações que ali se fizeram.

Lendo a oração de *sapientia*, o professor, sr. coronel Veiga, referiu-se com verdade e desassombro à falta de apetrechamento do nosso Exército onde então só existia — como hoje ainda existem igualmente — os bons soldados de Portugal.

O Rei D. Carlos respondeu com um discurso que ficou célebre, pois mostrou o conhecimento que o soberano tinha das realidades — e da forma de remediar o mal existente.

No entanto a festa, naquele ano, teve grande brilhantismo que não foi menor ao dos anos anteriores.

Êsse dia foi um dia de festa na cidade. Tudo o que a soldados se refere,— as vestimentas vistosas, o seu porte marcial na formatura, o luzidio dos amarelos das suas fardas de então — chama sempre a atenção do nosso povo que se junta a ver os desfiles e a gozar o espectáculo das continências e evoluções. Se, dêste modo, as festas da tropa eram um motivo de encanto popular, a visita régia à Escola referida era, por sua vez, uma festa da grande família militar.

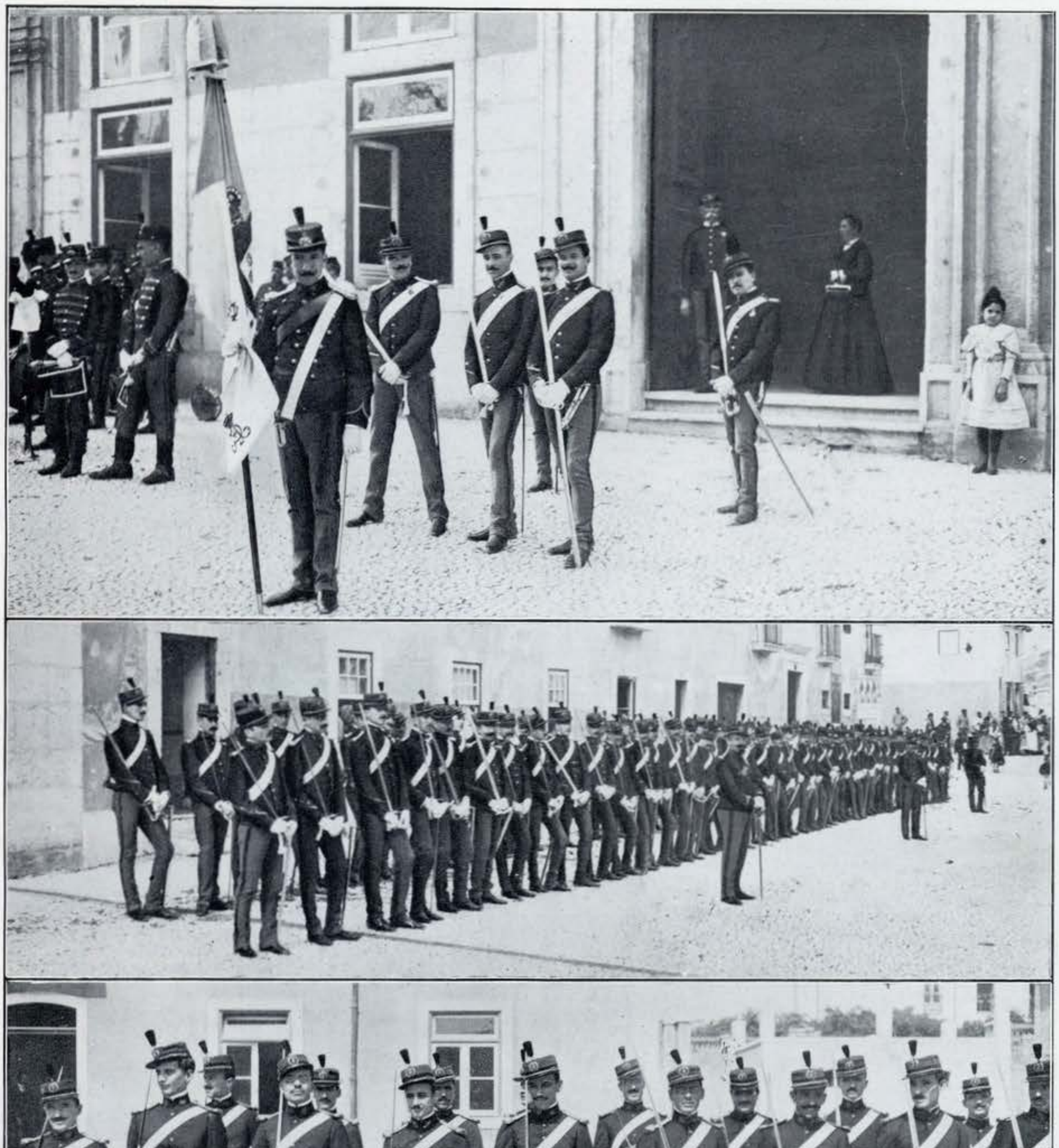
Recebia a visita do seu Chefe Supremo — D. Carlos, generalíssimo do Exército de Portugal, — a academia onde se formavam os futuros oficiais, os continuadores da gloriosa obra realizada.



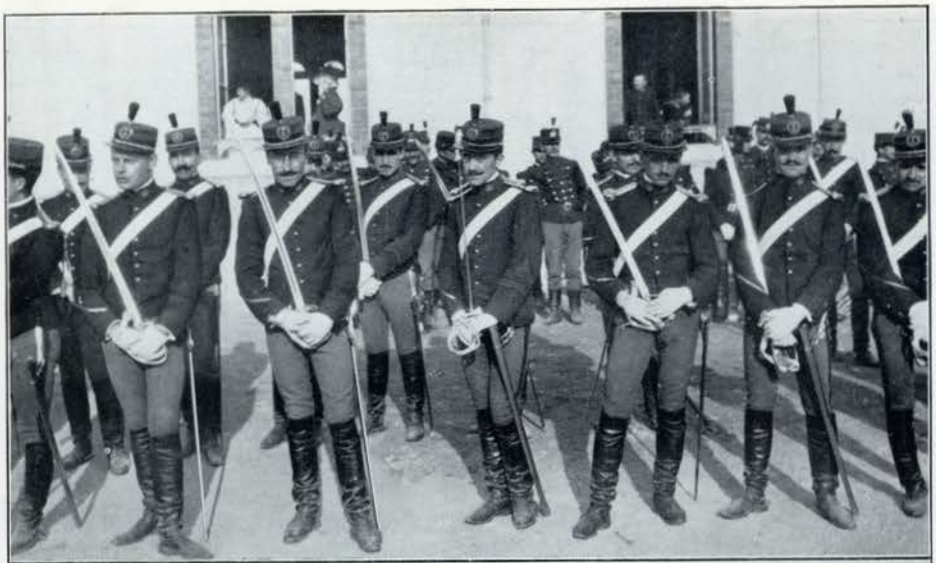
D. Carlos, seguido pelo general comandante da Escola Militar, no momento de dar entrada no edifício, quando em 30 de Outubro de 1907 assistiu à abertura dos trabalhos escolares.



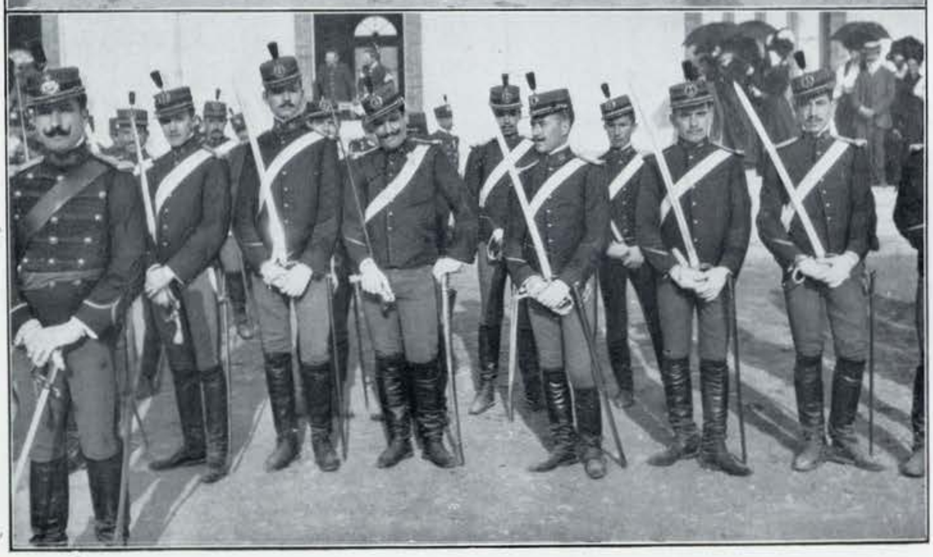
Na sala do trono o Rei presidindo à inauguração dos trabalhos escolares, tendo à direita o Ministro da Guerra e à esquerda o corpo docente e oficiais que na Escola Militar prestavam serviço.



O porta-estandarte e a guarda de honra que na visita do Rei D. Carlos lhe prestaram as homenagens inerentes ao seu alto cargo.

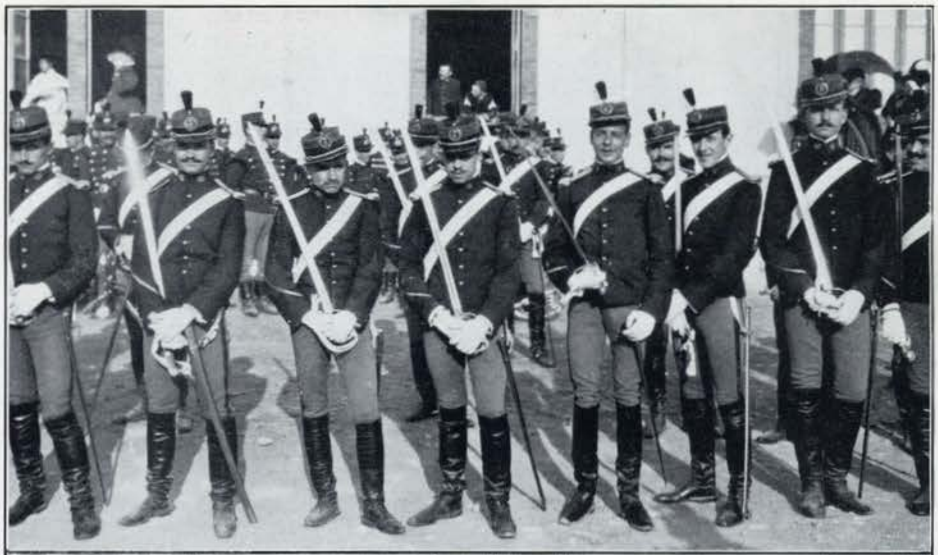


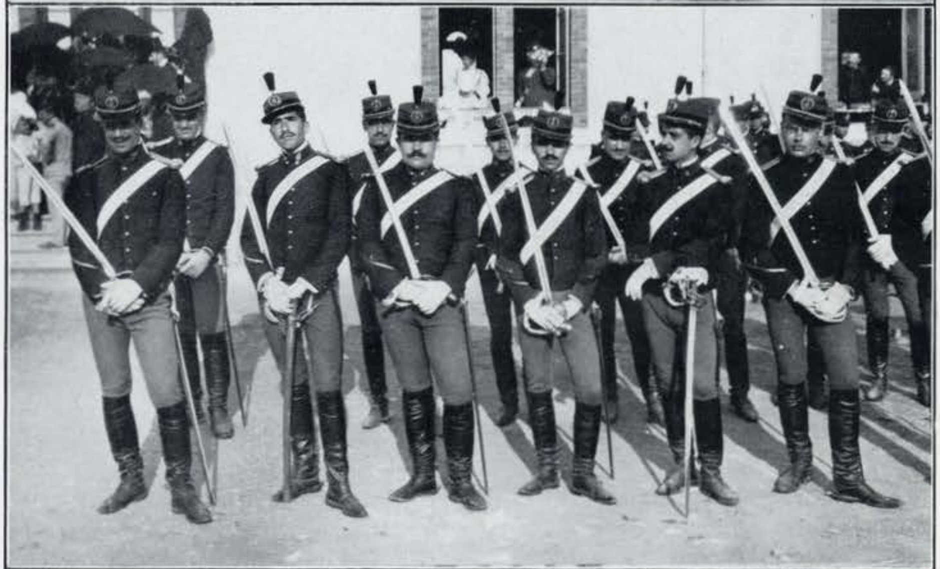




Na Escola Militar de tão honrosas tradições, — a nossa Academia do exército, por excelência — têm passado sucessivas gerações de alunos que depois formam as nossas «élites» militares — de onde têm saído políticos notáveis, homens de letras, ministros e até Chefes de Estado.

Nas duas gravuras vêem-se algumas das pessoas que no ano escolar de 1907-1908 compunham o Corpo de Alunos. Pena é que não nos tivessse sido possível registar os seus nomes, pois é natural — é quási certo — que encon-







trariamos alguns nomes que, pela nomeada obtida pelos anos adiante, nos fôssem familiares. Que admira que assim seja? É esta a tradição, felizmente ainda não interrompida, do Colégio Militar.

Outro encanto tem esta página. Os velhos coronéis do nosso tempo, dos dias de hoje, uns ao efectivo, outros colocados em situações diferentes, devem sentir ternura ao recordar êsse tempo distante, em que eram simples cadetes, recordarem os seus companheiros de curso — amigos fiéis de tôda a vida, alguns certamente já desaparecidos.



Os alunos que na festa do dia 20 de Outubro de 1907, receberam os prémios, que lhes foram pessoalmente entregues por D. Carlos, por entre as aclamações vibrantes dos seus camaradas e as homenagens sinceras de todos quantos assistiram à interessante festa que os jornais de então realçaram, como uma das mais notáveis festas militares da época.



No momento de abandonar o edifício da Escola Militar, D. Carlos recebe os cumprimentos do general comandante da mesma Escola, depois de lhe significar o seu contentamento por tudo quanto vira. De facto, então como agora, a Escola Militar continuava as suas gloriosas tradições de Academia militar — o melhor e o maior estabelecimento do seu género do país.



BIBLIOTECA MUNICIPAL CENTRAL

Arquivo Gráfico

Juramento de Bandeira
no Hipodromo de Belem
(1907)

S. M. R. D. Carlos passando revista às fôrças seguido do Ministro da Guerra

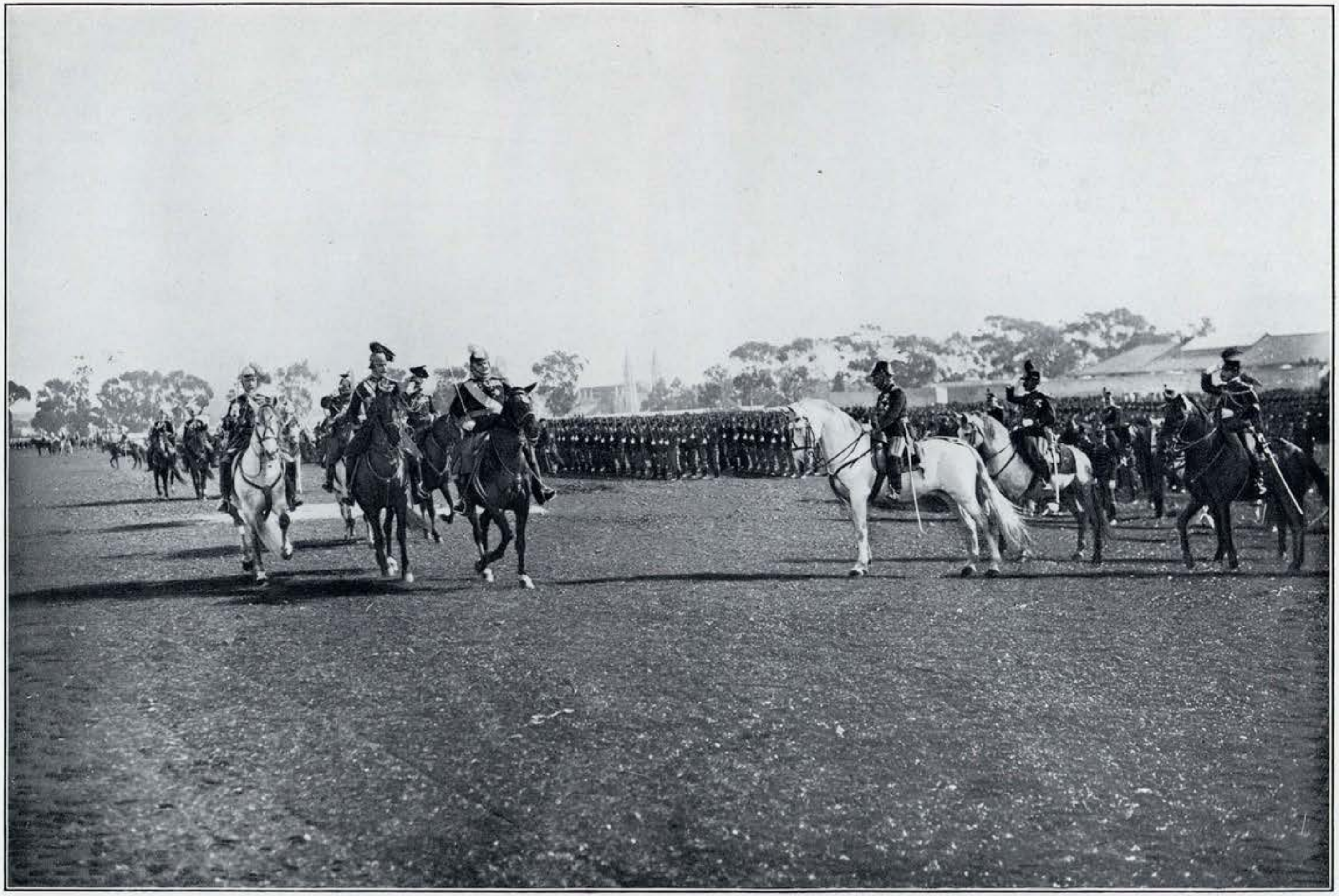
A Revista Militar no Hipódromo de Belém

Nessa época já longíqua, mas que é de ontem, ainda, realizaram-se várias notáveis festas militares que tinham por fim fazer acordar os sentimentos patrióticos da nossa gente e criar a opinião necessária para a realização duma eficaz reforma do nosso Exército que só muito mais tarde foi feita.

A revista militar do Hipódromo de Belém, realizada em 20 de Janeiro de 1907, obedeceu também a êsse alto e patriótico objectivo.

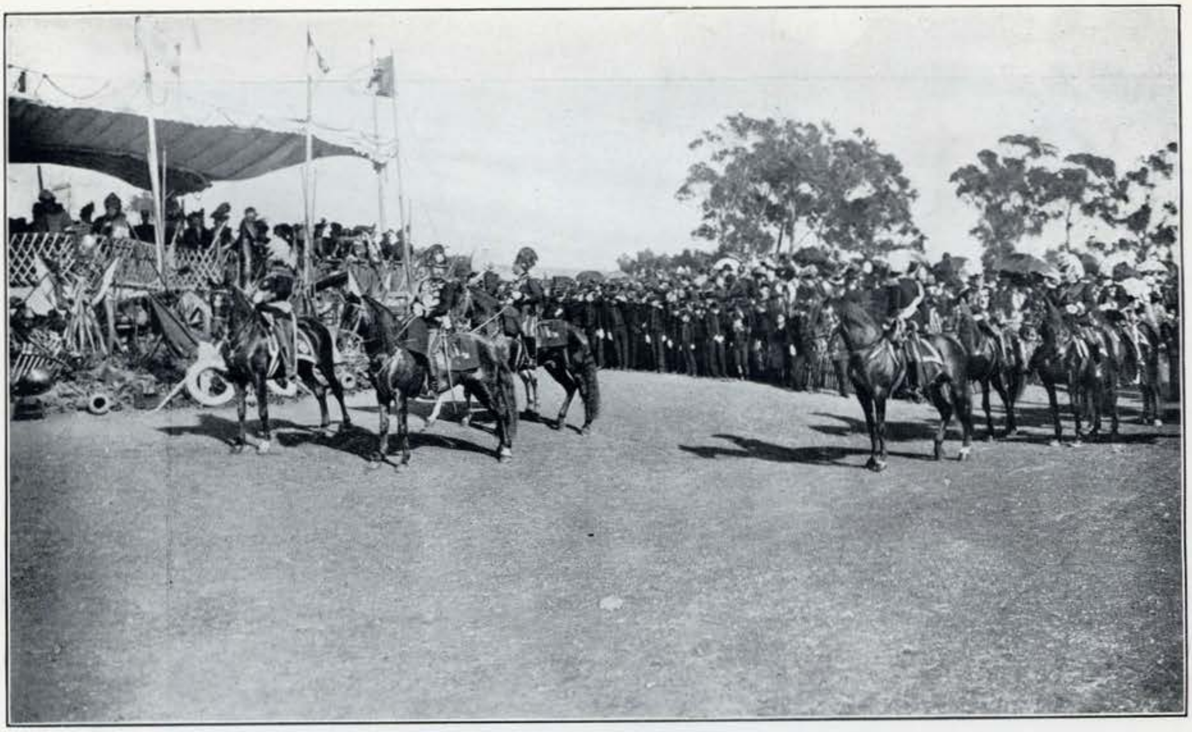
As campanhas de África, a nossa tradição guerreira e militar, o porte marcial dos nossos soldados, tudo obrigava a chamar a atenção para o nosso Exército — a tropa portuguesa tantas vezes gloriosa — e a olhar com a atenção e carinho pelos problemas que lhe diziam respeito.

Então, nessa época, uma revista militar era sempre um acontecimento que interessava a população, que acorria em massa, formando multidão, para acarinhar e homenagear os bravos soldados de Portugal.

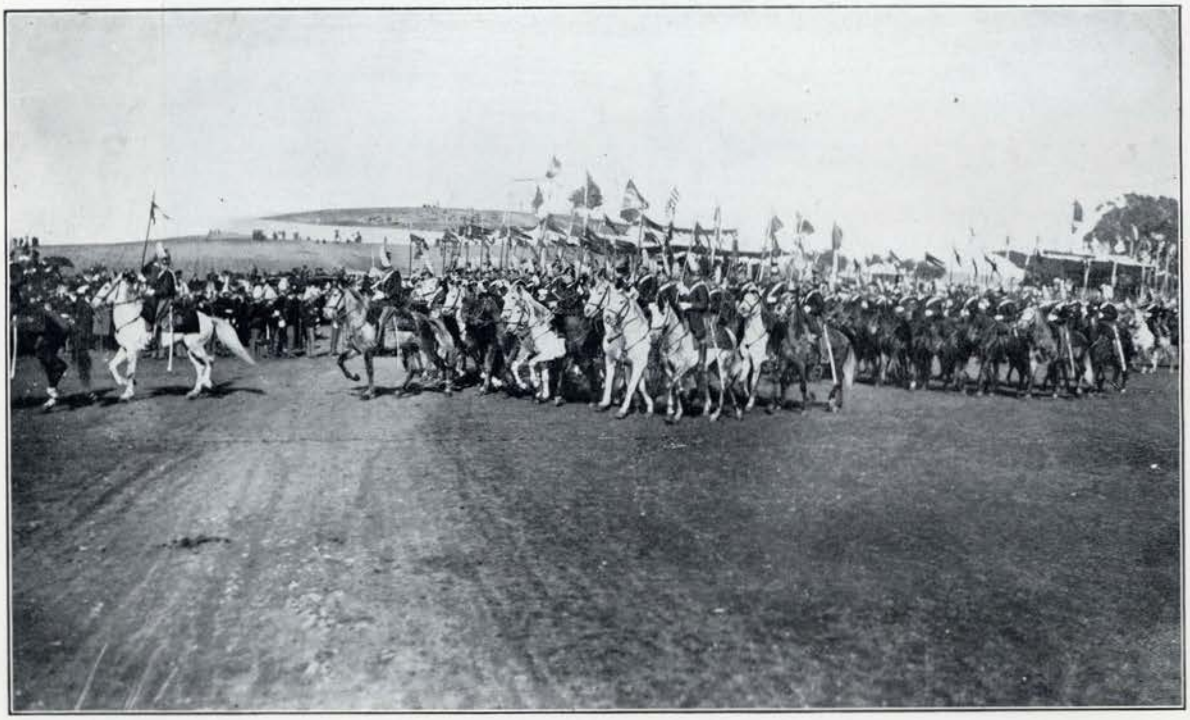


A revista militar de 1907

O Rei D. Carlos, o Ministro da Guerra e o general Craveiro Lopes, comandante da Divisão, passando revista às tropas quando em parada, no hipódromo de Belem, na manhã de 20 de Janeiro de 1907.



D. Carlos junto da tribuna de honra, onde se encontravam a Rainha, o Corpo Diplomático e outras altas individualidades da côrte.



«Lanceiros 2» desfilando, em continência, perante o Rei D. Carlos e o seu luzido Estado Maior.

JOSHUA BENOLIEL

ARQUIVO GRÁFICO DA VIDA PORTUGUESA 1903 1918

Fascículo N.º 5

COMPOSTO GRAVADO IMPRESSO
BERTRAND IRMÃOS



D. Carlos junto da tribuna de honra, onde se encontravam a Rainha, o Corpo Diplomático e outras altas individualidades da côrte.



«Lanceiros 2» desfilando, em continência, perante ... lundo Estado Maior.

IMPRESSO COMPOSTO GRAVADO
BERTRAND-IRMÃOS